

CONDIÇÕES
 Annuo mensal nesta cidade, . . . 1.00
PARA FORA
 Trimestre . . . 4.00
 Semestre . . . 8.00
 Annuo . . . 15.00
 As assinaturas devem sempre pagar-se no fim do
 Maio, Junho, Setembro e Dezembro, podendo comen-
 çar em qualquer dia.
 Pagamento adiantado

A PATRIA

ORGÃO DOS INTERESSES DA COLONIA BRASILEIRA NO RIO DA PRATA

Sociedade anonyma

DIRECTOR: CASSIO A. FARINHA

Diario da Manhã

AGENTES DA "PATRIA"

NA

Campanha e Exterior
 Rio de Janeiro . . . Almeida Junior.
 Santa Catharina . . . Almeida Junior.
 S. Paulo . . . Almeida Junior.
 Bahia . . . Almeida Junior.
 Porto Alegre . . . Almeida Junior.
 Pelotas . . . Almeida Junior.
 Santa Victoria . . . Almeida Junior.
 Jaguarão . . . Almeida Junior.
 Itajaí . . . Almeida Junior.
 S. João del-Rei . . . Almeida Junior.
 Itaquara . . . Almeida Junior.
 Uruguaiana . . . Almeida Junior.
 Buenos Ayres . . . Almeida Junior.
 Concordia . . . Almeida Junior.
 Monte Caseros . . . Almeida Junior.
 Salto . . . Almeida Junior.
 Idem . . . Almeida Junior.
 Dayman . . . Almeida Junior.
 Uruguayua . . . Almeida Junior.
 Yacuy . . . Almeida Junior.
 Arapahy . . . Almeida Junior.
 Paysandú . . . Almeida Junior.
 Querquy . . . Almeida Junior.
 Tres Arroyos . . . Almeida Junior.
 Arroio Grande . . . Almeida Junior.
 Itacaré . . . Almeida Junior.
 Rio Eugenio . . . Almeida Junior.
 Santa Rosa . . . Almeida Junior.
 Rivera . . . Almeida Junior.
 Tacuarembó . . . Almeida Junior.
 Hospital . . . Almeida Junior.
 Durazno . . . Almeida Junior.
 Sarandí . . . Almeida Junior.
 Capilla del Paruco . . . Almeida Junior.
 Cerro Largo . . . Almeida Junior.
 Idem . . . Almeida Junior.
 Artigas . . . Almeida Junior.
 Trinita e Tres . . . Almeida Junior.
 Carrasiras . . . Almeida Junior.
 São Carlos . . . Almeida Junior.
 Minas . . . Almeida Junior.

Almanach e Ephemérides

DIA 10

1865—Partida de S. M. o Imperador para a cam-
 panha do Sul.
 1810—Os franceses entram na Cila Real.

S. Christóvão, (da casa de S. Christóvão de
 Moura).—S. Leoncio e cpi. mrs., Sta. Amelberg
 e Sta. Amalva.

A PATRIA

Redactor: DOMINGO C. FERRAZ

MONTEVIDEO, 10 DE JULHO DE 1880

Actualidade

Com esta epigrapha alguns diários tracta-
 ram, com vigor, de classificar o duello, que
 veio á tala da discussão por causa do insólito
 e reprovado desafio, que em nome de um
 official do exercito foi feito ao nosso collega
 o distincto e espirituoso redactor e proprie-
 tario do *Negro Timor*, o Sr. D. Washington
 Bermudez.

Este cavalheiro tem sido horripilantemente

FOLHETIM DA PATRIA

MEMORIAS

DE UMA

MULHER

OCTAVIO FEUILLET

Elle mesmo m'o proporcionou com uma
 indisciplinada imprudencia, que pude explicar
 depois, mas que então se me afigurou de
 todo incomprehensivel.

Deputaria meu marido em seu coração
 algum aviso secreto do que se passava no
 meu,—on sentira as primeiras incursões
 da enfermidade cruel que o ameaçava?

Não sei; mas desde os primeiros dias
 que se seguiram á chegada do Sr. e da Sra.
 d'Elis, o seu animo annuviou-se visivel-
 mente.

O Sr. d'Elis perguntou-me uma manhã,
 em tom de confidencia e de embaraço, se eu
 tinha reparado n'essa modificação do carac-
 ter de Rogerio.

Com a minha resposta affirmativa, tomou
 a liberdade, meio rindo-se, meio serio, de al-
 ludir á assiduidade do principe de Viviane
 em nossa casa, dando a entender que elle
 podia despertar as susceptibilidades de meu
 marido.

Eu sabia que o Sr. de Louvency estava tão
 tranquillo quanto era possível estar, e até
 demasiado, quanto ao principe: fiquei, pois,
 certa de que o commandante d'Elis não
 interpretava o seu pensamento n'essa occa-
 sião, e que fallava por sua propria conta.

insultado—d'uma fôrma tão desabrigada,
 que não achamos phrases apropriadas para
 expor as ruínas impressas, que em nós pro-
 duz a prostituição da imprensa, que se presta
 em má hora a enzoalhar os seus col-
 legas.

Tem-se levantado vozes eloquentes e res-
 peitaveis condemnando energicamente os
 abusos repugnantes e as desattenções esten-
 didas, que maculam desgrasadamente a
 impudente imprensa, que se põe revilmen-
 te á disposição da vindicta do insulto.

Não nada mais forte e ajuizado podemos
 acrescentar ao que tem escripto varios o
 illustres jornalistas, que todos os dias
 dão-nos nobres exemplos nas columnas edi-
 torias do *Siglo*, do *Bien Publico*, da *Razon*
 e da *Colonia Española*, etc.

Fugimos apegados do terreno tortuoso
 e escorregadio das individualidades, onde
 sempre nos detemos constringidos e pertur-
 bados, e vamos entrar desembaraçados o
 livres no caminho largo das considerações
 geraes.

O nosso unico intuito é pôr em relevo a
 nossa humilde opinião a respeito do que
 tem de immoral esse capricho peccaminoso
 e irracional, que os Cains querem perpetuar
 na sociedade com o nome de—duello; esse
 crime hereditario, como legado irreversivel
 do primeiro assassino, esse retralho do inau-
 to funebre que a velha sociedade despira no
 Calvario!

Esperança que no seculo dezenove, mil e
 oitocentos e tantos annos depois do chris-
 tianismo, se escrevem censuras e promul-
 guem leis contra o habito selvagem de dois
 homens se collocarem frente a frente para
 ver qual dos dois é o primeiro varado por
 uma bala, ou cortado pelo gume de uma es-
 pada!

E mais esperança ainda que faces censuras
 sejam estereis, e que faces leis sejam im-
 potentes para lavarem o estygio de sangue
 que a humanidade, todos os dias, esponta-
 neamente recebe na face!

Nem a religião, nem a philosophia, nem
 o vulgar discernimento lograram ainda re-
 mendar a humanidade d'esse terrifico feudo,
 tributado á mais absurda das tyrannias!

Nem hoje, que tão apregoados são os
 dons da liberdade, pôde o homem quebrar
 essa alguma vilipendiosa, que o prende ao
 tumulo do paganismo!

Nem hoje, que a honra desceu ao baixo
 preço d'uma utopia, é possível desperdiçar
 o homem de uma outra honra especiosa, que
 lhe dá o direito de matar seu adversario, ou
 de baixar á sepultura com a affronta que
 quizera lavar!

Mas o que é a honra?

Vamos d'este principio, que é a base funda-
 mental da lamentavel questão. A honra,
 segundo a definem os mestres da moral, é o
 justo sentimento da nossa dignidade pessoal,
 fundada na virtude e na estima de nós mes-
 mos.

Ha uma outra definição mais authorita-
 va na escola do mundo actual:—honra é o sen-
 timento da nossa dignidade, fundada na es-
 tima dos outros.

As duas definições distinguem duas hon-
 ras: uma é moral, a outra é social; a primeira
 funda-se no suffragio da sociedade. A honra,
 que conquistamos á sombra da opinião pu-
 blica, não é sempre a honra fundada na vir-
 tude.

Que o duello é só na idea, uma compara-
 ção repugnante com os preceitos do christia-
 nismo, seria, demonstrando-o, querer provar,
 com grandes argumentos, que os raios do
 sol são caloríferos. A eclosidade, sem inven-
 ção, apraz-se em repetir verdades eternas,
 com esteril fadiga.

Do christianismo uma só palavra lhe resta
 para fulminar a barbaria do duello: *Caridade*!
 Os numerosos conselhos e preceitos
 ceitos que no Evangelho santificam aquella
 palavra, não são ao conhecido pelos cren-
 tes, mas, a cada passo, citados pelos recep-
 tos.

Rogamos ao nosso illustre collega *La
 Razon*, que se recorde de um ou dos muitos
 preceitos do mais virtuoso e liberal legisla-
 dor.

Mas não é só o Evangelho que reclama
 os sagrados direitos da razão. Todas as au-
 toridades e philosophos, dignos d'este nome,
 o condemnam, como incompativel com as
 virtudes sociaes.

Ha quem diga que o duello mantém res-
 peitadas as leis da delicadeza. Grave inju-
 stica é esta a humanidade!

O militar *gallardo* que mandou provocar
 inconvenientemente ao Sr. W. Bermudez
 nos parece exaltado e decidido duellista sem
 ser delicado.

Dentro do sujo peito do espadachim não
 cabem sentimentos nobres, brandos, delica-
 dos, generosos e magnanimos, está cheio
 de arrogancia e roberia, do atrevimento o
 perverso, que repelle pelo fetido e podri-
 do a alma e pura pomba branca da moral,
 e do verdadeiro brio, que só pôde nascer
 d'uma consciencia honrada e immaculada.

Ninguém de boa fé se persuade que o
 necamente ás leis da polidez precise, para
 manter-se, d'uma perigosa ameaça, d'um
 reperto continuado entre homem e homem.
 Isso é o mesmo que negar ao coração pro-
 priedades nobres e generosidade espontanea,
 é supor que a delicadeza tem de ser exacta
 para cumprir a sua bella missão na socie-
 dade. A origem real da urbanidade está no
 espirito. Quem quizer senear n'hi o grão
 abençoado, para que os seus fructos sejam
 sempre de paz e amor, elucide-os nas ver-
 dades da infancia, afague-os com os carinhos
 da fé, lafeje-os com as suaves impressões
 do verdadeiro brio e d'uma honra não especiosa
 como a honra tantas vezes apreguada
 nos duellos.

Quem desbarata as leis da delicadeza é o
 egoismo, o amor proprio, a arrogancia des-
 prezada que muitas vezes dominam a mi-
 litares, que, agéis no manejo das armas,
 querem apparentar coragem e dignidade,
 quando não possuem se não orgulho e más
 desejos de sangue, em que parecem se de-
 leitam derramando-o criminoso e iniqua-
 mente.

O homem consciencioso que move com
 luzira e independencia a pena em aniquila-
 mento e castigo dos mandrões e viciosos
 não pôde meditar com a mequinha e enve-
 neneada espada, enangustada nas costas de
 concidados, que foram traicoinemente feridos
 ou mortos ás ordens d'um tyranno ou em
 impia satisfação de malévolo res-
 sentimentos.

Respondi-lhe, com verdade, que não tinha
 recebido do Sr. d'Elis confidencia alguma,
 e com isso ella reconquistou toda a sua jo-
 vialidade.

Ficou ainda commo uns quinze dias, e
 posto que a minha amizade para com ella
 continuasse a ser como antes muito viva, o
 muito terna, não o vi partir sem certo alivio.

Por mais honesta que fosse, era mulher
 muito cheia de predicações brilhantes para
 ser facilmente guardada.

As cinco partes do mundo, que todas ti-
 nham representantes em Nice, zumbiam ao
 redor d'ella como um enxame, e meu marido,
 dizia que fora preciso conservar-a dia e noite
 delia de um mosquito.

Muito affecta esse genero de homena-
 gens, gostava todavia d'elle e indisponha-
 se com quem lho recusava. Foi assim
 que se agastou com a evidente indifferença
 do principe de Viviane para consigo.

Elia dizia que eu havia feito d'elle um
 parvo, e que devia trazel-o puxado com
 uma fita cor de rosa.

Ahi! toda a alegria se foi com ella.

Algumas semanas depois da sua partida,
 a saude de meu marido, que parecia resta-
 belecida, alterou-se de novo profundamente:
 os symptomas mais assustadores succede-
 ram-se uns aos outros, cada qual mais
 grave.

O resto da sua misera vida não foi para
 elle e para mim mais do que uma agonia,
 e pelos fins do inverno seguinte tive a dor
 horrivel de perdê-lo.

Depois de tantos soffrimentos agudos

SECÇÃO CAMONEANA

A Camões

Mas antes da Jornada, o Rei vai ver de perto,
 Nos seus leitos do morto, os quito Reis do Avir,
 Os encares do feto, os estudos do perfeto,
 Quer os interogor, para saber ao certo
 Que repousam ali, silenciosos, etc.

Mas da descender á um, Dom João Segundo
 E collocar, d'ante, o estylo de p
 Para ver e ao um R. I, que o pôde ser do mundo,
 E transformar um Reino em grande Imperio, é
 Um cortejo inclina a essa la corte e multa
 Que encara o joven Rei, e que assim o sadá.

Elle pde, ao passar, de frente de cada um
 Dos Reis de Portugal que dormem no recinto,
 E así, sem se curvar deante de nenhum,
 Elle Dom Sebastião, neto do Carlos Quinto
 Mas así para o reves. . . Entretanto elle quiz
 Meditar em realza os seus grandes Reis de Avir.

Pois bem, quem ouzou, Poeta ardente o novo,
 Herdeiro o successor do Genio Portuguez,
 Penetrar os muros do Pantheon do povo,
 Como Dom Sebastião, fazer o que elle fez?
 Mandar descender do ultimo Jurgo
 Camões, a tua orelha, e meditar contigo?

Quem ouzará tambem vibrar sem compaixão,
 Para tirar um som que só dura um momento,
 Quando a harpa de bronze está muda no chão,
 O ultimo Canter, o to grande instrumento,
 Cujo echo immortal o Espazo repolza,
 Em ondas de harmonia, ou em ondas de luz?

Quem ouzará meditar, ou no todo, ou em parte,
 Com este Creador do novo Portugal,
 Cujo Poema eterno é a patria da Arte,
 Tres seculos á póis que elle fez o immortal? . . .
 Levantar-se, crescer até á sua estatura,
 Tão grande que não sinta a vertigem da altura?

Quebrar te o talismão, collocar te de pé,
 O herdeiro da Fama, o filho da Memória (1)
 Penetrar no teu tumulo, e profanar-te a gloria,
 Para ver qual dos dois mata mais a gloria,
 Quem haverá jamais em Portugal que o mande?
 Quem será tão pequeno, á creta-se assim tão grande.
 Joaquim Nabuco.

Leão-alado

LUIZ DE CAMÕES

Como um leão, que vsta, o vsta do firmamento,
 Tinta a boca de luz dos astros immortaes,
 E a sua fulva garra—corde e famelico—
 Arranca ao seu azul pelicoz coloraes.

E acendindo a crina, e os azaros do vento,
 Como as girafas dos seus patios areos,
 Das estrellas no collo—infinito e violento—
 Metto o deite—e revê em procura de mais.

Seu genio as lras—leão alado da harmonia—
 Roubava as lras—estrellas da poesia,
 Estando as da patria assemelhadas flores,
 Estando as da patria assemelhadas flores.

Quem não ouve o fremer dos mundos fulgurantes,
 Nos hombrs carregando os seus soccorros
 Do Canto secular, que nos legou Camões?
 L. Delfino.

ACTUALIDADE

Um navio de aço

O senado dos Estados-Unidos votou ult-
 timamente uma lei concedendo 200,000 dol-
 lars, isto é, cerca de . . . 200,000 \$, para a
 construção de um navio de aço, com appa-
 rellhos de refrigerar, destinados a desinfetar
 os carregamentos o os navios vindos dos
 portos infectados da febre amarella.

Esse projecto, como sempre, tem enthu-
 siasmas e contraditores vehementes.

Os enthuistas dizem que o exito é in-
 fallivel; que os processos para refrigerar já
 chegaram a tal aperfeicamento, que formam
 hoje uma industria commum; que é certo
 que os germens da febre amarella não podem
 resistir á temperatura do gelo; e que, por-
 tanto, ser-to, sem duvida, destruidos todos
 os elementos da propagação da terrivel pes-
 te, que pesam trazer os navios.

As objecções dos oppositores resumem-se
 assim:
 E' inteiramente hypothetica a existencia
 de germens na febre amarella.

Não ha prova positiva da existencia de
 organismos vivos, como causa da propagação
 dessa molestia, e muito menos que o gelo os
 mate.

Só se sabe alguma coisa ha, infelizmente
 ainda indeterminada, que basta para propa-
 gar a febre amarella, quando se dão certas
 circumstancias, nas quaes tambem não se
 acham por ora bem estudadas.

Bem que as epidemias da febre amarella
 parem no inverno e só nos tropicos durem
 duas estações consecutivas; contudo não ha
 prova positiva de que seja o gelo agente
 desse beneficio, e muito menos de que elle
 seja capaz de pôr termo á epidemia.

Ha exemplo de pessoas que emigraram
 durante uma epidemia e que, ao voltar, so-
 madas depois foram atacadas e vieram a
 morrer, apesar de já terem começado as
 genizas.

Asseguram ainda medicos respeitaveis
 que no inverno de 1878 a 1879 deram-se no
 Baixo-Mississippi casos de molestia, que se-
 ria, sem duvida, classificada de febre ama-
 rella, se fosse no verão, devendo-se, no en-
 tanto, mencionar que não foi rigoroso esse
 inverno.

A essas objecções juntam um exemplo
 fatal. O vapor *Plymouth*, da armada dessa
 republica, depois de ter passado o inverno
 em Boston, onde gelou fortemente, foi ac-
 commettido pela febre amarella.

Antes de ir para Boston tinha estado nas
 Antilhas; ali appareceram casos de febre a
 bordo; cessaram pelo inverno, durante o
 qual se teve o cuidado de fazer fumigações
 no navio.

Parece, pois, que a ser efficaz o gelo na
 extinguição da febre amarella, o navio *Ply-
 mouth*, antes de ser infectado de novo não
 devia apresentar caso algum dessa fatal mo-
 lestia.

rechos de refrigerar, destinados a desinfetar
 os carregamentos o os navios vindos dos
 portos infectados da febre amarella.

Esse projecto, como sempre, tem enthu-
 siasmas e contraditores vehementes.

Os enthuistas dizem que o exito é in-
 fallivel; que os processos para refrigerar já
 chegaram a tal aperfeicamento, que formam
 hoje uma industria commum; que é certo
 que os germens da febre amarella não podem
 resistir á temperatura do gelo; e que, por-
 tanto, ser-to, sem duvida, destruidos todos
 os elementos da propagação da terrivel pes-
 te, que pesam trazer os navios.

As objecções dos oppositores resumem-se
 assim:
 E' inteiramente hypothetica a existencia
 de germens na febre amarella.

Não ha prova positiva da existencia de
 organismos vivos, como causa da propagação
 dessa molestia, e muito menos que o gelo os
 mate.

Só se sabe alguma coisa ha, infelizmente
 ainda indeterminada, que basta para propa-
 gar a febre amarella, quando se dão certas
 circumstancias, nas quaes tambem não se
 acham por ora bem estudadas.

Bem que as epidemias da febre amarella
 parem no inverno e só nos tropicos durem
 duas estações consecutivas; contudo não ha
 prova positiva de que seja o gelo agente
 desse beneficio, e muito menos de que elle
 seja capaz de pôr termo á epidemia.

Ha exemplo de pessoas que emigraram
 durante uma epidemia e que, ao voltar, so-
 madas depois foram atacadas e vieram a
 morrer, apesar de já terem começado as
 genizas.

Asseguram ainda medicos respeitaveis
 que no inverno de 1878 a 1879 deram-se no
 Baixo-Mississippi casos de molestia, que se-
 ria, sem duvida, classificada de febre ama-
 rella, se fosse no verão, devendo-se, no en-
 tanto, mencionar que não foi rigoroso esse
 inverno.

A essas objecções juntam um exemplo
 fatal. O vapor *Plymouth*, da armada dessa
 republica, depois de ter passado o inverno
 em Boston, onde gelou fortemente, foi ac-
 commettido pela febre amarella.

Antes de ir para Boston tinha estado nas
 Antilhas; ali appareceram casos de febre a
 bordo; cessaram pelo inverno, durante o
 qual se teve o cuidado de fazer fumigações
 no navio.

Parece, pois, que a ser efficaz o gelo na
 extinguição da febre amarella, o navio *Ply-
 mouth*, antes de ser infectado de novo não
 devia apresentar caso algum dessa fatal mo-
 lestia.

No entanto, havendo partido de Boston a
 15 de Março, apenas chegou ás aguas do
 mar das Antilhas, a 300 milhas suente das
 ilhas Bermudas, foi logo accomettido da
 febre amarella e obrigado a voltar para o
 norte. Deve-se mencionar que o *Plymouth*
 só parou em S. George, nas Bermudas; mas
 desde muitos annos não tinha havido ali fe-
 bre amarella.

Esta parada indubitavelmente destróe a
 mór parte da força do argumento.

Infelizmente todas essas questões de in-
 fecção só agora começam a ser estudadas;
 e reina ainda muita incerteza e muito mys-
 terio em todas ellas.

contava-me, com o seu espirito brilhante,
 a historias que corriam na cidade e na socie-
 dade; ella animava a minha solidão, ella pro-
 digalivava-me as mais ternas attençãoes, e a
 assignação que eu lhe consagrava despertara
 em toda a sua força.

Eu via mais raramente o marido; mas elle
 não perdia, entretanto, occasião alguma de
 me ser util ou agradável.

Nas dolorosas circumstancias que eu tinha
 atravessado, no meio dos tristes pormenores
 que sempre complicam tales acontecimentos
 e das penosas questões de negocio, que a
 elles se prendem, tinha tido para comigo
 dedicação e amizade realmente fraternas.

Era, por vontade do Sr. de Louvency, tutor
 de minha filha, e parecia ter passado para
 ella o unico sentimento apaixonado de sua
 vida, a amizade heroica que tivera pelo pae.

E' excusado dizer que eu lhe havia com-
 pletamente perdoado a singular indiscrição
 que tivera um dia para comigo, relativa-
 mente ao principe de Viviane.

Elle tambem só se lembrava d'ella para
 reparar-a, esforçando-se por tratar o prin-
 cipe com particular cortezia sempre que o en-
 contrava, e principalmente em minha casa.

Pois o Sr. de Viviane residia então em
 Paris e eu o recibia continua e familiarmen-
 te, não tendo mais do que me felicitar d'elle
 durante os ultimos mezes de minha estada
 em Nice.

O unico incommodo que me causava o Sr.
 d'Elis, causava-m'um em querer e sem o
 saber.

Só a mim propria podia exprobrar o praz-
 er inquieto com que esperava as suas visi-
 tas, e a emoção secreta de que sempre me
 sentia agitada em sua presença.

Mas eu esperava sinceramente que esse
 malaventurado resto do meu antigo affecto
 se dissiparia pouco a pouco, o se iria gastan-
 do com o costume.

Esperava-o tanto mais quanto a sua cor-
 tezia respeitosa, fria e grave para comigo
 era mais propria para acalmar-me o coração
 do que para turbal-o.

Entretanto, eu me inquietava com extre-
 ma solicitude, que eu suppunha então mera-
 mente affectuosa, com o seu proceder para
 com Cecilia, com o estado das suas relações
 com a filha que tomara o seu casamento.

Nada me parecia mais singular e mais
 mysterioso do que a sua mutua attitudde o
 proceder.

o muito do esperar que das experiencias
 que vão ser aqui tentadas resultem muita
 luz para a sciencia e muitos beneficios para
 a humanidade.

Quando se attende para a importancia
 dos resultados que podem ser obtidos, só ha
 louvores para a generosidade do senado dos
 Estados-Unidos. Emquanto as monarchias
 da Europa despendem sommas enormes
 para determinar-se as chapas dos encoura-
 dos resistem melhor as balas, quando un-
 das ou quando afastadas, é consolador que
 esta republica empregue alguns milhares do
 dollara em uma experiencia para combater
 o mais terrivel flagello, que persegue as
 populações da America.

Um processo de desolto annos

—

Ao

